



CORPO DE DELITO

Jacques Vergès, os “bons” e os “maus”

Quanto mais tentar compreender, menos o advogado será capaz de julgar e melhor será capaz de defender; ou se percebe isso ou não se é advogado



Rui Patrício

Como diria o poeta – combatendo todos os maniqueísmos –, entre Deus e o Diabo venha o Diabo e escolha. Vergès morreu, viva Vergès. Que horror, dar vivas pelo “advogado do terror” ou “do diabo”! – exclamarão uns, entre a superficialidade e a hipocrisia, e outros entre o maniqueísmo e o puritanismo. A maior parte – sobretudo aqueles que até há uns dias nem sabiam quem era Vergès, e que agora viram ou leram generalidades e rótulos fáceis e desenhados a preto-e-branco – achará que dar vivas por Vergès é dar vivas por Klaus Barbie, por Milosevic ou por outros assim. Mas não é a mesma coisa, e é aí que reside a importância de Jacques Vergès; goste-se ou não da personagem e dos seus casos e causas.

O que é importante – e merece vivas

– é aquilo que ele, à sua maneira, sublinhou e praticou – com os seus casos, livros e declarações – acerca do que é ser advogado. Ser advogado é, primeiro, tentar compreender e, depois, tentar defender. O advogado não tem que gostar dos seus clientes, nem das suas causas, nem dos seus actos (quando realmente os praticaram). Mas também não tem de os julgar. Tem de tentar defender, do mesmo modo que o médico tem de tentar curar, mesmo que o doente seja aparentemente o pior dos homens. Aliás, quanto mais tentar compreender, menos o advogado será capaz de julgar e melhor será capaz de defender. Ou se percebe isso ou não se é advogado, nem se percebe o que é ser advogado. É claro que há defesas e defesas. Há defesa com verdade e defesa com mentira, defesa com trabalho e defesa com espectáculo, defesa com razão e defesa com demência, há advogados e há mercenários, *et cetera*. E cada um escolhe o que quer e como quer, ou o que pode e como pode. Mas o que não há – isso não – são casos que merecem defesa e outros que não merecem ou não podem tê-la. Isso é não perceber nada, ou, pior, é perceber tudo e achar que advogado e defe-

sa não são necessários, nem sequer admissíveis, em certos casos. Ora isso seria o mesmo que fariam Barbie ou Milosevic, dividindo o mundo à partida entre “bons” e “maus”, entre homens e não homens, entre pessoas e inimigos. “Com os inimigos não se discute, os argumentos deles não se ouvem”, escreveu Vassili Grossman, em “Vida e Destino”, sobre os horrores, quase gémeos, do nazismo e do estalinismo.

Negar defesa a alguns dos defendidos por Vergès, isso sim, seria homenageá-los. Defendê-los não é homenageá-los, não é gostar deles. É, antes, defender, com coragem (e sem coragem não há advogados) os valores que eles mesmos não seguiram relativamente às suas vítimas. Klaus Barbie, Milosevic e os outros mereciam defesa, era essencial que a tivessem. Até porque sem isso seria mais fácil haver novos Barbie e novos Milosevic. Isto não é difícil de compreender, e creio que o compreendem, pelo menos todos quantos já precisaram mesmo (!) de um advogado, todos quantos sejam verdadeiramente advogados e todos quantos pensarem um bocadinho em certos valores e os cultivarem.

Advogado. Escreve ao sábado



Sessão do julgamento em que Vergès defendeu Klaus Barbie